



## Literaturas brasileira e indígena nas correspondências de Ángel Rama

### *Brazilian and Indigenous Literatures in Ángel Rama Correspondences*

Ananda Nehmy de Almeida

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
anandanehmy@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é estudar as cartas de Ángel Rama, Antonio Candido e Berta Ribeiro e o livro *Antes o mundo não existia*, dos autores indígenas Firmiano Arantes Lana (Umúsin Panlõn Kumu) e Luiz Gomes Lana (Tolamãñ Kenhíri). Recorre-se à edição dessas cartas e aos estudos epistolográficos realizados pelos organizadores Pablo Rocca e Haydée Ribeiro Coelho. A gênese do conceito de transculturação, de Ángel Rama, e a temática da mitologia indígena desenvolvidas na correspondência serão analisadas a partir da noção de arquivo, de Jacques Derrida, e das teorias do gênero epistolar propostas por Geneviève Harouche-Bouzinac. Espera-se, com este artigo, divulgar não só as correspondências desses intelectuais, mas também o livro indígena e a contribuição do trabalho etnográfico de Berta Ribeiro.

**Palavras-chave:** epistolografia; Literatura Indígena; transculturação narrativa.

**Abstract:** The objective of this article is to study the letters of Ángel Rama, Antonio Candido and Berta Ribeiro and the book *Before the world did not exist*, of the indigenous authors Firmiano Arantes Lana (Umúsin Panlõn Kumu) and Luiz Gomes Lana (Tolamãñ Kenhíri). The edition of these letters is used alongside the epistographical studies done by the organizers Pablo Rocca and Haydée Ribeiro Coelho. The genesis of the concept of transculturation by Ángel Rama and the theme of indigenous mythology developed in the correspondence will be analyzed from the notion of archives by Jacques Derrida and from the theories of the epistolary genre proposed by Geneviève Harouche-Bouzinac. It is hoped, with this article, to disclose not only the correspondences of these intellectuals, but also the indigenous book and the contribution of the ethnographic work of Berta Ribeiro.

**Keywords:** epistolography; Indigenous Literature; narrative transculturation.

O diálogo epistolar mantido pelo crítico uruguaio Ángel Rama com intelectuais brasileiros impulsionou projetos editoriais de expansão da literatura latino-americana distribuída entre os países hispano-americanos e o bloco ibero-americano, aparentemente homogêneo, em meio ao contexto político da década de 1970 com a expansão do regime ditatorial na América Latina. As informações referentes a obras de literatos e teóricos latino-americanos e a acontecimentos de fundo político ou cultural se movem nos discursos epistolar e ensaístico de Ángel Rama. Seja mobilizada em *Transculturação narrativa na América Latina*, entre citações diretas ou indiretas e exemplos, seja fragmentada no discurso epistolar do remetente com múltiplos destinatários, a seleção dos argumentos usada pelo crítico uruguaio na sua escrita ensaística compõe um arquivo teórico alimentado por atividades editoriais e diálogos com intelectuais brasileiros que procuram romper com as limitações das modelagens do cânone ancoradas no recorte historiográfico tradicional.

Desenvolvida nas décadas de 1960 a 1980, a teoria de Ángel Rama, influenciada pela crítica cultural e pela antropologia de seu contexto, questiona, assim como a crítica literária contemporânea, os critérios de seleção do cânone. Essa contestação identificada por Eduardo Coutinho (2004, p. 141-143) em Rama e no discurso crítico contemporâneo se opõe às restrições e às uniformizações da literatura nacional impostas pela predominância do idioma canônico. O evolucionismo, caracterizado pela progressão histórica, e o historicismo positivista presentes na historiografia literária tradicional enquadram a literatura nacional numa linearidade cronológica, além de limitá-la às obras pertinentes aos conceitos de literariedade e de nação voltados a fins hegemônicos. Eduardo Coutinho define as características dos centros culturais (cidades-eixo) que influenciam as trocas simbólico-culturais na América Latina retomando *A cidade das letras*, de Ángel Rama. Segundo Rama (2015a), a ocupação, as atividades econômicas e o controle burocrático do espaço latino-americano foram consolidados por grupos letrados enviados pelas metrópoles a diferentes regiões. A heterogeneidade do campo cultural latino-americano dificilmente pode ser explicada num modelo historiográfico linear e cronológico.

Coutinho defende a ruptura com o modelo excludente apresentado pela historiografia literária tradicional cuja metodologia se desenvolve com a seleção cronológica de bens culturais produzidos por grupos letrados dominantes. Essa ruptura promovida por teorias como “a Desconstrução, a Nova História e os chamados estudos culturais e pós-coloniais”(COUTINHO, 2004, p. 139), permitiria à historiografia literária contemporânea englobar as variantes de idioma, etnia e religião mesmo situadas no campo hegemônico da nação. Trata-se, segundo Coutinho (2004, p. 141), de utilizar critérios espaciais de seleção das obras literárias ou de recorrer a uma cartografia literária que englobe as variantes constituidoras das comunidades imaginadas de Benedict Anderson.

O estudo de Eduardo Coutinho identifica o favorecimento das línguas de matriz colonial, além da francesa e da anglo-saxônica, fortalecido com o positivismo da historiografia tradicional para a qual a literatura latino-americana constituiria a extensão da europeia. Na América Latina, as línguas autóctones nas modalidades oral e escrita e o registro popular constituem exemplos pesquisados pela historiografia literária contemporânea geralmente excluídos das seleções do cânone estabelecidas pela historiografia tradicional. Essa reação da crítica contemporânea aos critérios de seleção literária está também presente na atividade intelectual de Ángel Rama, registrada nos seus ensaios, no trabalho editorial e em suas correspondências. O conceito de transculturação narrativa, a montagem do projeto editorial Biblioteca Ayacucho, marcada pela seleção de escritores latino-americanos, e a pesquisa da autoria e língua indígenas constituem colaborações de Ángel Rama no sentido de promover a revisão do modelo historiográfico tradicional.

A correspondência de Ángel Rama com Antonio Candido, Darcy e Berta Ribeiro, desenvolvida entre 1960 e 1980, indica a interferência de outras vozes na composição do conceito de transculturação narrativa. O discurso epistolar envolve não só a organização de congressos e projetos editoriais, mas discussões teóricas e envio de artigos e livros. Se a correspondência com Antonio Candido oferece ao crítico uruguaio uma seleção de obras de escritores brasileiros, as cartas trocadas com os Ribeiro o leva a identificar a fragilidade da listagem inicial. Ampliado e publicado em 1982, o ensaio *Transculturação narrativa na América Latina* apresenta, inserido numa listagem de obras dos escritores

transculturadores, o livro *Antes o mundo não existia: a mitologia heróica dos Desâna*, de autoria dos indígenas amazonenses Firmiano Arantes Lana (Umúsin Panlôn Kumu) e Luiz Gomes Lana (Tolamãn Kenhíri).<sup>1</sup>

O ato de selecionar obras para a montagem de projetos editoriais menos excludentes contrapostos à historiografia tradicional segue os princípios de constituição do arquivo. Nesse processo, Ángel Rama, Antonio Candido e os Ribeiro alimentam os arquivos uns dos outros com o envio de cartas, livros e artigos. O material acumulado desloca-se do âmbito privado para o público, dependendo da vontade dos herdeiros e do apoio de instituições públicas ou privadas responsáveis pela sua preservação. Antonio Candido repassou as cartas recebidas de Ángel Rama para Amparo Rama, sua filha, por meio do pesquisador Pablo Rocca, que as publicou em 2018. Publicada em 2015, por Haydée Ribeiro Coelho e Pablo Rocca, a correspondência dos Ribeiro enviada ao crítico uruguaio se encontra nos arquivos dos familiares de Rama, enquanto a dos antropólogos está sob a responsabilidade do Memorial Darcy Ribeiro, localizado na Universidade de Brasília.

Para Derrida (2001, p. 12-14), a produção de arquivos engloba as noções técnica, ética, política e jurídica acompanhadas dos princípios ontológico, relacionado à história; de consignação, caracterizado pela seleção de material, e nomológico, indicador da ordem e da lei. A criação do arquivo exige a exterioridade de um lugar ou domiciliação, variando entre museus, textos e corpo; a operação topográfica da técnica de consignação ou acumulação dos itens arquivados, além do estabelecimento da instância e do lugar de autoridade de controle do arquivo (o arconte, o *arkheion*), como “um Estado patriárquico ou fratriárquico” (DERRIDA, 2001, p. 12-14). Segundo Reinaldo Marques (2015, p. 25-26), aos princípios dessa ordem contrapõe-se a figura do anarquivista influenciado pela pulsão anarquívica, que desestabiliza

---

<sup>1</sup> Este artigo segue as convenções gráficas da primeira edição de *Antes o mundo não existia* utilizadas por Berta Ribeiro na escrita de palavras e nomes em desâno ou tukâno. A antropóloga (RIBEIRO, 1980, p. 37) utilizou uma convenção gráfica próxima da internacional recomendada pela linguista Miriam Lemle a fim de evitar o uso de sinais diacríticos que poderiam dificultar a publicação do texto. A segunda edição do livro desâna, revisada e organizada por Dominique Buchillet na década de 1990 (PĀRŌKUMU; KĒHĪRI, 1995), segue a proposta de unificação da língua tukâno, elaborada nos seminários organizados pela linguística Odile Lescure. Os nomes dos autores indígenas, na segunda edição, são Umusī Pārōkumu e Tōrāmĕ Kēhīri.

o arquivo ao promover a sua leitura a contrapelo. As articulações de escritores latino-americanos aos autores indígenas brasileiros realizadas pelo crítico uruguaio parecem rever os limites do arquivo literário e da historiografia tradicional a partir da pulsão anarquívica.

Os princípios de formação do arquivo e os questionamentos às formas excludentes de sistematização da literatura nacional fazem parte do discurso epistolar desses intelectuais e da escrita ensaística de Ángel Rama. Em *Transculturação narrativa na América Latina*, as citações (diretas e indiretas), as alusões ao discurso crítico de intelectuais brasileiros, como Antonio Candido, as paráfrases e a dedicatória aos antropólogos Darcy Ribeiro e John Victor Murra, com estudos voltados aos indígenas latino-americanos, sinalizam para a formação de um arquivo ou memória teórica que, no campo da linguagem, constitui o gênero textual ensaio. O contraste dos discursos epistolar e teórico permite estabelecer hipóteses de leitura do ensaio que indiquem, na escrita fragmentada das cartas, fragmentos de biografias intelectuais mediados pelas figuras dos remetentes e dos destinatários, além do processo de montagem do conceito de transculturação narrativa.

## **1 A coleção brasileira na correspondência de Ángel Rama e Antonio Candido**

Em *Escritas epistolares*, Geneviève Harouche-Bouzinac (2016, p. 93-95) apresenta várias funções da correspondência das quais destaca a de “antecâmara da criação”. Próxima das categorias da eloquência e dos procedimentos retóricos próprios à oratória, a carta pode conter, segundo Harouche-Bouzinac, pendor argumentativo utilizado em negociações comerciais ou na diplomacia, além de promover a transformação do real, pois apresenta propriedades “performativas”. O ato de argumentar, dependente dos verbos organizar, selecionar, avisar e sugerir, compõe a performance Ángel Rama mobilizada na sua escrita. Inscritos de forma fragmentada nos discursos epistolar e ensaístico, esses verbos constituem “operações de linguagem”, ou biografemas, conceito de Roland Barthes (2005).

A rede teórica do ensaio desenvolvida com a operação de linguagem de argumentar é tecida junto às redes discursiva e retórica do gênero correspondência. O contraste dos textos epistolar e ensaístico torna perceptível ao leitor as formas de dispersar os “fragmentos” do

vivido em meio à seleção dos referenciais teóricos do ensaio constituída com a colaboração recíproca dos missivistas. As seleções de exemplos apresentados na teoria de Ángel Rama sofrem interferência do diálogo epistolar com Antonio Candido e os Ribeiro. Inseridas em contexto histórico marcado pela expansão do autoritarismo na América Latina, as cartas desses intelectuais traçam as rotinas de atividades docentes, contribuem para consolidar pontos de vista teóricos, além de serem acompanhadas de materiais de pesquisa.

Em 1973, o Brasil se encontra na Ditadura Militar, final do governo Médici, e o Chile passa pelo golpe de estado promovido por militares e pelo general Augusto Pinochet contra o governo eleito de Salvador Allende. O diálogo epistolar de Antonio Candido e Ángel Rama mostra como o contexto histórico não só torna inseguro o local onde parentes e amigos do intelectual uruguaio vivem, como também gera mudanças no estilo da crítica literária com a finalidade de evitar a rejeição a determinadas temáticas dos artigos. Na carta de 7 de outubro, Ángel Rama (2018c, p. 72) usa a metáfora “ratoeira monstruosa” para se referir à possível armadilha aos residentes no país envolvidos em atividades culturais ou com posições políticas divergentes às dos organizadores do golpe militar chileno. O filho de Marta Traba, esposa de Rama, e o irmão residiam no Chile nesse período:

As notícias do Chile são realmente horrorosas. Quase não se tem energia para falar delas. Do mesmo modo que tenho ali familiares em situações bem adversas, acho que acontece com vocês a mesma coisa com amigos e colegas. É uma ratoeira monstruosa onde trancaram boa parte do que temos de melhor na América. (RAMA, 2018c, p. 72).

Na carta de 16 de outubro de 1973, enviada a Caracas, Antonio Candido inicia a conversa com rotinas institucionais ao avisá-lo de que a Comissão de Pós-Graduação o convidaria a apresentar em São Paulo “A geração crítica” em seminário e uma conferência e ao pedir-lhe ainda que faça um noticiário latino-americano semestral. Previne Ángel Rama da possibilidade de censura no Brasil ao artigo do crítico uruguaio devido às restrições sem fundamentação teórica promovidas por mecanismos de controle da produção acadêmica. Retoma a tópica da situação política no Chile que afeta o irmão do destinatário:

O artigo que mandou, sobre Cortázar, seria para publicação eventual? Achei-o muito bom, mas há nele uns comentários sobre sexo que talvez suscitem problemas com a orientação puritana do atual regime, cuja censura interfere de preferência nesses casos. Tenho pensado sempre no Chile, com notícias fragmentárias sobre conhecidos. Você conhece tanta gente pela América afora, deve ter muito mais preocupações nesse sentido. Mas espero que Carlos esteja bem. (CANDIDO, 2018a, p. 74).

Em carta enviada em 30 de outubro de 1973, tendo em vista as atividades acadêmicas organizadas junto ao crítico brasileiro, Ángel Rama (2018b, p. 78) aceita apresentar “A geração crítica” e, para o segundo seminário, propõe expor algo novo como o artigo “Os processos de transculturação narrativa na América Latina”, que servirá de base para sua última versão. No desfecho da carta, há o pedido de ajuda na investigação da “selva bibliográfica brasileira, principalmente com os modernos” (RAMA, 2018b, p. 78), sob a justificativa de que o crítico uruguaio se interessa em ampliar seu material a respeito de Guimarães Rosa, escritor estudado em *Transculturação narrativa na América Latina*. Além disso, Ángel Rama (2018b, p. 78) dá notícias a Candido dos asilos de Gustavo Zalamea Traba, na Colômbia, e de Carlos Rama, acolhido pela embaixada da Itália. Entrecortado pela organização de atividades acadêmicas e pelo pedido de referências bibliográficas, o relato de Ángel Rama apresenta também uma análise do momento político que interfere tanto na escrita quanto nas relações afetivas de seu entorno:

Quanto ao Chile, vivemos várias semanas na angústia, pois são legião os amigos ali. Carlos, depois de muitas peripécias, conseguiu se asilar na embaixada da Itália, de onde saiu faz uma semana rumo à Espanha. Não tenho mais notícias além dessa. O filho de Marta, que era estudante no Chile, se asilou na embaixada da Colômbia e também saiu para sua pátria nestes dias. Vários uruguaios amigos saíram por intervenção da embaixada da Suécia, que se portou maravilhosamente com todos. Aqui para a Venezuela vieram vários, mas os mais comprometidos não puderam conseguir salvo-conduto como a Marta Harnecker, que continua na embaixada venezuelana de Santiago. O grupo intelectual que estava concentrado ali era de primeira e tudo se parece com a famosa diáspora intelectual da guerra espanhola, inclusive pelo pânico de vários países para lhes dar asilo, por temor ao “contágio”. A informação dos jornais e revistas norte-

americanos causa espanto: a cobertura que a *Newsweek* fez há duas semanas sobre os assassinatos revive histórias da perseguição nazista, o que parece impossível em nossa América. (RAMA, 2018b, p. 78).

Os acontecimentos ocorridos no Chile ao final da derrubada do governo de Salvador Allende, com as consequentes perseguições promovidas nessa crise política, são comparados à “diáspora intelectual” ocorrida na Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939) na qual os espanhóis republicanos, defensores de reformas sociais, opunham-se aos nacionalistas. Com a tomada do poder pelos nacionalistas, mais tarde, associados à ditadura de Franco e aos governos totalitários da Europa, muitos republicanos são perseguidos e imigram. São, contudo, rejeitados pelos países de destino obviamente por questões políticas. Destaca-se como desculpa para a negativa oferecida pelos setores de imigração a ameaça de propagação da gripe espanhola citada na carta. Retomando esse fato para analisar o contexto político da América Latina de 1973, Ángel Rama parece propor que a possibilidade de ocorrer o suposto “contágio” de concepções políticas promovido pelos indivíduos exilados constitui a causa da constante negativa de asilo político na Venezuela, local onde residia. A proibição pela embaixada venezuelana da permanência de Marta Harnecker no país devido às suas posições políticas na época é um dos exemplos citados na carta. Em contato, na França, com a releitura de Marx proposta por Louis Althusser, além de participar anteriormente como militante da Ação Católica Universitária no Chile, Marta Harnecker envolveu-se em projetos de divulgação do projeto socialista de Allende à população chilena.

Os comentários voltados ao contexto político autoritário da América Latina na década de 1970 são entremeados pelo reconhecimento de que os missivistas propõem teorias muito próximas ao revisarem as linhagens literárias nacionais no discurso crítico. Em carta de 8 de novembro de 1973, Ángel Rama (2018d, p. 79) se mostra impressionado após a leitura de “Literatura e subdesenvolvimento” com a semelhança de teorias. No artigo, Antônio Candido revê as críticas de Mário Vieira de Mello ao desenvolvimentismo na Literatura Brasileira. Para Vieira de Mello (1963), os desenvolvimentistas enfatizam o aspecto do atraso na abordagem da literatura porque abandonam a reflexão histórica e interna do Brasil ao compará-lo a outros países e ao qualificá-lo como país “novo” ou “subdesenvolvido”. Antonio Candido retoma essas



expressões e as desenvolve com a finalidade de definir a “consciência do subdesenvolvimento” no Brasil e na América Latina.

Em “Literatura e subdesenvolvimento”, Candido (1989) aproxima as variações estéticas do regionalismo latino-americano a reflexões políticas e sociais voltadas para a relação entre paisagem e cultura que interferem no imaginário do subcontinente. Seja estabelecida na fase inicial da literatura latino-americana apresentada pelos escritores quinhentistas, nas cartas de Colombo, seja posteriormente recriada pelos românticos, a exemplo da “Canção de Exílio”, de Gonçalves Dias, a imagem de paisagem exótica se encontra presa à concepção de país novo e, por isso, não constitui uma consciência do subdesenvolvimento. Para Candido (1989), essa consciência se consolida devido à atenção aos problemas sociais locais, no regionalismo ou super-regionalismo, este mais caracterizado pelo universalismo de João Guimarães Rosa. Antonio Candido (1989) denuncia a falsa causalidade da relação “terra bela – pátria grande” a fim de propor uma perspectiva do texto literário desprovida da euforia de paisagem exótica.

Assim, de acordo com o artigo do crítico brasileiro, o novo ponto de vista agônico em ruptura com a “ilusão compensadora” promovida pelo “gigantismo de base paisagística” baseia-se na consciência do subdesenvolvimento, surgida após a Segunda Guerra Mundial e desdobrada de forma desmistificadora na ficção regionalista. A interferência da cultura de massa na vida cultural das cidades, o público leitor e as dificuldades do mercado literário parecem ampliar, segundo Candido (1989), a “dependência cultural” de parte da literatura latino-americana, promovida pelo “atraso cultural” e pela problemática da influência das culturas europeia e metropolitanas. O Modernismo de Língua Espanhola, semelhante ao parnasianismo e ao simbolismo brasileiros, ou autores que apresentassem trechos de suas obras em francês, como Joaquim Nabuco, compõem, de forma ambivalente, os exemplos de literatura com traços de dependência cultural citados pelo crítico.

A polêmica do conceito de influência na literatura latino-americana é abordada no ensaio de Antonio Candido (1989) ora como fator que ressalta o aspecto negativo da dependência, ora como ressalva para a impossibilidade de se compor textos originais. Ao lado de Machado de Assis, Jorge Luis Borges exemplifica, segundo Candido (1989, p. 153), a “incontestável influência original, exercida de maneira ampla e reconhecida sobre os países-fontes através de um novo modo de conceber

a escrita”. A carta de Rama a Candido, anterior à versão final do livro *Transculturação narrativa na América Latina*, trata da similaridade de pontos de vista no campo teórico:

Causa-me certo espanto comprovar como caminhamos por trilhas paralelas, que, penso, se devem a perspectivas críticas similares. Inteiramente de acordo com a tese que conduz você progressivamente da mudança, por volta dos anos 30, do país novo ao país subdesenvolvido e a uma avaliação que resgata o regionalismo numa perspectiva que você chama de super-regionalismo. É isso mesmo o que lhe propunha, sob o título do seminário em minha visita a São Paulo, de tal modo que é seu artigo que pode servir de base para o debate, sem que eu acrescente mais nada. (RAMA, 2018d, p. 79).

Posterior à carta, a versão final do texto apresentado em princípio como seminário, cujo título passa a ser *Transculturação narrativa na América Latina*, retoma o caráter universal do regionalismo e a interferência das vanguardas na literatura latino-americana. O conceito transculturação estabelecido inicialmente por Fernando Ortiz (1983) trata das alterações culturais ocorridas por meio do contato intercultural desenvolvido em etapas, como a desculturação interna seguida da assimilação da cultura externa que resulta em um processo de reculturação finalizado a partir de acomodação e recomposição da cultura originária associada à externa. Divergindo das etapas de acomodação e recomposição que desconsideram as inovações geradas pelo contato, Ángel Rama (2008) destaca a importância da “seleção” e a “plasticidade cultural” ou inventividade das sociedades nas quais o processo de transculturação ocorreu mediado por operações de uso da língua, estruturação literária e cosmovisão nas narrativas latino-americanas em choque com seus contextos socioculturais de modernização. Distingue os escritores cosmopolitas e regionais, atento às peculiaridades do segundo grupo nos contextos socioculturais dos países latinos de línguas espanhola e portuguesa, para melhor analisar como cada um deles se relaciona com a vanguarda europeia. A proposta estética da vanguarda critica o discurso lógico-racional usado nas produções culturais anteriores.

Em *Transculturação narrativa na América Latina*, Rama (2008) diferencia grupos de escritores com respostas diferentes para as modificações propostas pelo irracionalismo da vanguarda: os

regionalistas (modernos) ou tradicionais, que produzem plasticidade cultural mantendo e recriando muitos elementos da cultura regional ou autóctone, e os cosmopolitas (urbanos) no realismo fantástico, mais atraídos pela alteração narrativa na cultura externa. Escritores ditos “Regionalistas” no ensaio de Rama, como Guimarães Rosa e José María Arguedas, oferecem respostas “transculturadoras” às estéticas de vanguarda, pois suas narrativas incorporam a linguagem local de forma a, no primeiro caso, apresentar um narrador com a cosmovisão e o léxico do sertanejo, e, no segundo, mesclar a voz do narrador em espanhol à língua de matriz indígena. Há, portanto, várias referências que foram acrescentadas à segunda versão do seminário de Ángel Rama resultantes possivelmente das reflexões geradas pelo diálogo epistolar com Antonio Candido. A carta de Rama também evidencia sua vontade, comum à de Antonio Candido, de revisar a historiografia literária com um grupo interdisciplinar de pesquisadores do subcontinente organizado pelo crítico brasileiro:

Eu tinha razão quando insistia em que devemos formar essa equipe latino-americana, coerente e séria, de estudiosos capazes de trabalhar ao lado de sociólogos e antropólogos, na tarefa de pensar a nossa cultura e a nossa América. Como você é de algum modo o pai de tudo isto, apesar de ter poucos anos mais que eu, é a você que corresponderia pôr em atividade essa equipe e com uma finalidade concreta e imediata: reescrever a História da Literatura Latino-Americana, isso que nunca se fez e que nós estamos obrigados a fazer. Tomara que o Senhor nos dê tempo! (RAMA, 2018d, p. 80).

Em carta enviada no ano seguinte, Ángel Rama (2018a, p. 87) explica seu projeto editorial Biblioteca Ayacucho. O título do projeto homenageia a Batalha de Ayacucho ocorrida em 9 de dezembro de 1824, que “consolidou a independência da América hispânica”. A proposta consiste na montagem de uma biblioteca fechada na Venezuela com provavelmente trezentos volumes. As obras seriam selecionadas nas Américas das línguas espanhola, portuguesa e francesa, a exemplo dos livros de “Rosa, Neruda, Carpentier, Borges, Drummond” (RAMA, 2018a, p. 87). A Antonio Candido caberia selecionar obras de escritores que fizessem parte da série brasileira, além de sugerir nomes dos membros brasileiros da comissão de assessoria variando entre escritores

e historiadores da cultura. Rama pede a opinião do destinatário ao expor-lhe sua vontade de criar uma biblioteca semelhante no Brasil, produzida por editores independentes de forma a evitar a exclusão de autores como o peruano José Carlos Mariatégui sob o pretexto de ser comunista.

Em 8 de outubro de 1974, além de tratar das solicitações do remetente, Antonio Candido (2018b, p. 90-93) informa a respeito das prisões, dos interrogatórios organizados por setores ligados à antiga Operação Bandeirantes (centro de investigações e informações do exército), e da perseguição de intelectuais ligados ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, fundado em 1969 por professores universitários afastados de suas funções pela Ditadura Militar, do qual fazia parte Fernando Henrique Cardoso, citado na carta: “A situação dele e dos colegas no CEBRAP não é boa. Houve prisões lá, e todos estão sendo interrogados pela polícia de caráter especial” (CANDIDO, 2018b, p. 91). Os acontecimentos citados na missiva servem de cenário que parece promover o ceticismo de Candido quanto à possibilidade de se realizar a montagem de uma espécie de Biblioteca Ayacucho no Brasil.

A carta distribui os nomes das obras de autores brasileiros em ficção, poesia e pensamento. No campo da ficção, destacam-se Machado de Assis, os modernos Mário de Andrade e Oswald de Andrade, além de Graciliano Ramos, já estudado pelo crítico brasileiro. Embora tenham sido selecionados poetas que fizeram parte de diferentes contextos culturais do Modernismo, Candido não deixa de citar na sua lista poesias práxis, concreta e neoconcreta. Na série pensamento, são apresentados os nomes de Euclides da Cunha, Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Holanda. Da lista oferecida por Candido a Rama para desenvolver o projeto Biblioteca Ayacucho, há nomes de escritores cujas obras se tornaram exemplos para a argumentação do ensaio *Transculturação narrativa na América Latina*. Grande sertão: veredas, do escritor transculturador Guimarães Rosa, configura um exemplo de literatura regionalista marcada pela transculturação narrativa.

O crítico uruguaio não se limita a restringir a seleção de obras da Literatura Brasileira para o projeto editorial ao grupo de escritores tradicionalmente reconhecidos pela crítica acadêmica. A carta de Darcy Ribeiro (2015, p. 74-75) enviada a Rama do Rio de Janeiro em 7 de julho de 1976 trata de como as conversações do antropólogo com Antonio Candido e Mário Brito contribuíram para que fossem incorporados, entre outros livros, dois romances de Lima Barreto. A seleção inicial

de exemplos para a escrita ensaística de Ángel Rama incorpora títulos no decorrer do trabalho em conjunto com outros intelectuais latino-americanos. Será, contudo, na correspondência de Ángel Rama com Berta Ribeiro que se verifica como ocorreu a inclusão da literatura indígena de matriz brasileira entre os exemplos do ensaio *Transculturação narrativa na América Latina*, de Ángel Rama.

## 2 A mitologia indígena entre cartas

A publicação da correspondência do crítico uruguaio com os antropólogos Darcy e Berta Ribeiro, em 2015, realizada pelos pesquisadores Haydée Ribeiro Coelho e Pablo Rocca, oferece novas leituras para o ensaio *Transculturação narrativa na América Latina*. Em “A vida em movimento”, prefácio de abertura da edição, Haydée Ribeiro Coelho (2015) trata do percurso dos missivistas na América Latina, motivado por suas atividades culturais ou pelo exílio de Ángel Rama, iniciado em 1981, e dos Ribeiro, que os levou a conhecerem países como Venezuela (1969), Chile (1971) e Peru (1972). O prefácio apresenta o gênero epistolar sob a metáfora da “janela imaginária”, pois permite ao leitor contemporâneo imaginar as situações que fizeram parte do contexto histórico dos missivistas.

Segundo o prefácio, o discurso dos missivistas aborda a possibilidade de superar as limitações da Literatura e de parte das pesquisas dos antropólogos no que se refere à divulgação das narrativas dos povos estudados. Haydée Ribeiro Coelho (2015, p. 29-32) destaca, em meio às correspondências, a carta na qual Rama reconhece características de *Antes o mundo não existia* que atendem ao seu propósito de avaliar textos antropológicos para incluí-los entre exemplos de transculturação narrativa. Tendo em vista as informações do diálogo epistolar, a pesquisadora observa como a “otredad cultural”, conceito estabelecido pelo crítico uruguaio, no ensaio *Transculturação narrativa na América Latina*, de 1982, que trata da “impossibilidade de dizer pelo outro” (COELHO, 2015, p. 31), relaciona-se à questão da literatura de autoria indígena nos contextos moderno e contemporâneo. Ainda segundo a ensaísta, a “otredad” retorna nas discussões de *A cidade das letras*, estudo de Ángel Rama publicado em 1984 nos Estados Unidos, um ano após a sua morte.

Pelas cartas, conforme observa Haydée Ribeiro Coelho (2015, p. 24-33), sabe-se da participação de Darcy Ribeiro na seleção de obras brasileiras que fariam parte da Biblioteca Ayacucho. O trabalho de Berta Ribeiro na editora Paz e Terra mostra a colaboração da antropóloga no contato do crítico uruguaio com os prefaciadores das obras brasileiras da Ayacucho. Por seu turno, Ángel Rama, segundo Pablo Rocca (2015, p. 53), contribui para que Berta Ribeiro produza a série editorial hispano-americana da editora Paz e Terra. Essas ações mais próximas de atividades administrativas típicas do mercado editorial, que marcam as características retóricas, persuasivas e a própria performance do discurso epistolar, ajudam a concretizar as coleções de literatura voltadas para a divulgação de autores brasileiros e hispano-americanos.

O projeto editorial da Biblioteca Ayacucho, consolidado pelo contato pessoal ou a distância, movido pelas correspondências do crítico uruguaio com os antropólogos Berta e Darcy Ribeiro, além da contribuição de Antonio Candido, também registrada no discurso epistolar, mostra que as tópicas das cartas de Ángel Rama e seus destinatários contribuem para a publicação de títulos literários num mercado cheio de publicações em língua inglesa e francesa. Há uma seleção de livros a ser publicada resultante da própria circunstância que envolve o processo editorial, como a necessidade de se negociar, com escritores ou seus herdeiros, a partir de contratos estabelecidos entre a editora e aqueles que detêm os direitos da obra. A proposta central do projeto Biblioteca Ayacucho seria divulgar a obra de escritores latino-americanos num círculo mais amplo do que o limitado às fronteiras de seus respectivos países. Em *Transculturação narrativa na América Latina*, a essa espécie de contenda entre os latino-americanos e a escrita de matriz colonialista, Ángel Rama acrescenta a própria complexidade do espaço linguístico latino-americano ao citar o trabalho etnográfico de Berta Ribeiro com o povo Desâna. Internamente, as línguas indígenas sofrem com as constantes tentativas de apagá-las, promovidas por determinados governos ou grupos da sociedade civil.

No ensaio, Ángel Rama (2008) reavalia o papel da antropologia de seu contexto ao confrontar a escrita dos autores indígenas Firmiano Arantes Lana (Umúsin Panlõn Kumu) e Luiz Gomes Lana (Tolamã Kenhíri), que pertencem ao povo Desâna, localizado em território brasileiro, ao estudo realizado pelo antropólogo Reichel-Dolmatoff<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Cf. REICHEL-DOLMATOFF, 1968.

da mitologia indígena dos Desâna, na Colômbia, baseado no relato do informante colombiano Antonio Guzmán. Para o crítico uruguaio, a pesquisa de Reichel-Dolmatoff falha por ser baseada em poucas transcrições de depoimentos indígenas gravados e tomados dentro de um discurso coerente pelo antropólogo. Resultado do trabalho etnográfico de Berta Ribeiro com os índios desâna, *Antes o mundo não existia* apresenta, segundo Ángel Rama, a particularidade de ter sido escrito em língua desâna por Tolamãn Kenhíri e, com a ajuda da antropóloga, traduziu-o para a língua portuguesa. O livro é constituído pelas mitologias do povo desâna, repassadas na modalidade oral pelo narrador Firmiano Arantes Lana (Umúsin Panlõn Kumu), pai de Luiz Gomes Lana (Tolamãn Kenhíri). O ensaio de Rama comenta o trabalho educativo das missões, que, se por um lado, contribuiu para que Luiz Gomes Lana se torne escritor, por outro, pode reduzir as referências culturais próprias aos indígenas, principalmente a preservação das línguas indígenas. Depende da vontade do indígena manter seus traços culturais no processo de ensino do seu contexto histórico ainda desvinculado da concepção contemporânea de educação bilíngue voltada aos povos indígenas.

Além disso, Ángel Rama cita a principal motivação dos escritores indígenas para publicarem o livro de mitologia. Na apresentação de *Antes o mundo não existia*, Tolamãn Kenhíri explica que outros índios gravavam os mitos dos desâna pertencentes ao clã Kenhíri, contudo as narrativas se desviavam daquelas contadas por seu pai, o *kumu* ou sacerdote desse povo. Para o crítico uruguaio, o trabalho de Berta Ribeiro junto aos índios, tornados autores do livro, mostra a resistência cultural desse grupo, que transita pelo universo moderno da escrita, ao contrário da pesquisa de Reichel-Dolmatoff, cuja narrativa etnográfica transforma seu informante em objeto de estudo. Conclui o crítico a partir dessas observações que a historiografia literária do contexto moderno deixa escapar das suas sistematizações a produção literária movida pelas pesquisas antropológicas e etnográficas.

Localizado no Memorial Darcy Ribeiro, o acervo da antropóloga Berta Ribeiro contém vários objetos, documentos e correspondências relacionados às suas pesquisas, entre elas, a dos desâna. Uma parte das correspondências do fundo de Berta Ribeiro trata dos seus contatos com Tolamãn Kenhíri entre 1978 a 1996. Dentre elas, destaca-se a correspondência de Berta com Tolamãn Kenhíri sobre a indicação do *Prêmio Iberoamericano Bartolomeu de Las Casas* pela publicação da

mitologia desâna, além de comentários a respeito da utilização do livro com os desenhos nas escolas de São Gabriel da Cachoeira, cidade próxima ao território do autor indígena.

Os documentos pertencentes ao acervo da pesquisa de povos indígenas mostram como se dá o trabalho etnográfico de Berta Ribeiro, já que é constituído de manuscritos, cartas, relatórios e documentos, como contratos de edição do livro indígena. Em *Transculturación narrativa na América Latina*, a perspectiva antropológica de proporcionar o status de autoria aos desâna permite ao crítico uruguaio aproximar o trabalho de campo da antropóloga, evidenciado pelos documentos de seu acervo, à concepção de antropologia como resistência, à aculturação indígena promovida por parte das missões. Os arquivos de Berta Ribeiro mostram o processo do trabalho de campo que resultou na publicação do livro indígena. A sua correspondência com Ángel Rama possibilita ao crítico encontrar o exemplo brasileiro mais próximo à obra de José María Arguedas. O romance *Los ríos profundos* (ARGUEDAS, 1995), caracterizado pela mescla da língua quéchua ao espanhol, e as traduções de textos indígenas do escritor peruano explicam a sua inclusão no meio dos exemplos de transculturación narrativa.

Além de seguir o padrão comum de conter data, vocativo, exórdio, despedida e assinatura, a correspondência de Rama e Berta Ribeiro apresenta tópicos voltadas para aspectos práticos das suas relações sociais que se desenvolvem na performance de envio de livros. Em carta a Ángel Rama, enviada no Rio de Janeiro, datada de 18 de novembro de 1977, Berta Ribeiro (2015c, p. 174-175) utiliza como exórdio a lembrança de que ainda não havia sido publicado o livro de Marta Traba, esposa do crítico uruguaio. Outro trecho da carta mostra como ocorreu a negociação com os autores de prólogos para o projeto editorial Biblioteca Ayacucho, a exemplo de Assis Barbosa,<sup>3</sup> autor do prólogo de dois romances de Lima Barreto, que confirma com Berta Ribeiro o compromisso de escrevê-lo. Berta Ribeiro se compromete com Ángel Rama a enviar-lhe algum estudo crítico sobre Lima Barreto. A mesma carta apresenta fragmentos que traçam um breve perfil da antropóloga, concentrado em atividades como o retorno ao Rio Negro com o objetivo de finalizar seu trabalho

---

<sup>3</sup> Cf. Estudo dos prefácios da coleção brasileira na Biblioteca Ayacucho em COELHO (2009).



de campo e a curadoria em parceria com Mário Pedrosa para organizar a exposição de arte indígena no Museu Nacional.

Junto à carta enviada do Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 1977 (RIBEIRO, 2015a) pela antropóloga a Ángel Rama, encontra-se o livro *Lima Barreto e o espaço romanesco*, de Osman Lins. Berta Ribeiro pede ao crítico na carta que lhe envie *Desâna: simbolismo de los índios Tukâno del Uaupés*, de Reichel-Dolmatoff. Essa colaboração atende às necessidades de pesquisa bibliográfica da antropóloga, pois, no período, estudava os indígenas do Rio Negro próximos ao grupo pesquisado por Reichel-Dolmatoff. Embora não exista carta de Berta Ribeiro a Rama indicando o momento exato do envio a ele do livro *Antes o mundo não existia*, há uma carta-resposta do crítico uruguaio à antropóloga, enviada de Washington, em 1º de maio de 1982, que faz levantar essa hipótese logo na leitura do exórdio: “Você não imagina a satisfação que me deu receber seu livro. Esse fato me parece um acontecimento, nem imagina o interesse com o qual o li” (RAMA, 2015c, p. 180). O princípio da carta já contém o indício da semelhança na forma desses intelectuais perceberem o papel da antropologia no âmbito da produção cultural. A referência ao livro só é esclarecida no trecho da carta no qual Ángel Rama enumera as razões para a satisfação com o seu envio:

1, porque conheço bem a obra de Reichel-Dolmatoff e já tinha me interessado muito pelo que se refere aos desâna; 2, porque venho trabalhando sobre a avaliação literária dos textos antropológicos; 3, estava escrevendo um capítulo sobre as literaturas indígenas e seu livro chegou na hora certa. (RAMA, 2015c, p. 180).

A pesquisa de Reichel-Dolmatoff acerca dos desâna já havia despertado o interesse e conseqüentemente as críticas de Ángel Rama em *Transculturação narrativa na América Latina*. Como o livro *Antes o mundo não existia* apresenta os mitos desâna sob a autoria indígena justamente na fase dos estudos de Rama anteriores à escrita definitiva do capítulo de literatura indígena, a argumentação do crítico se abre à perspectiva etnográfica. Embora o crítico reconheça as limitações do texto indígena frente à música e à dança dramatizada nos cerimoniais, considera que ocorre a preservação de grande parte da mitologia no material impresso, cuja falha essencial atualmente é não ser uma edição bilíngue para preservar também a língua desâna. Além disso, há comentários da introdução de *Antes o mundo não existia*, na qual Berta

Ribeiro explica seu trabalho de campo em meio aos desâna. Para Ángel Rama (2015c, p. 180), a apresentação do livro indica que a antropóloga organizou, assim como ele e sua esposa Marta Traba, uma “vida de trabalho”. Seguem-se informações a respeito das atividades de Rama, que “despacha” artigos, ensaios e livros, e de Marta Traba, que prepara um romance nesse período. No restante da carta, os trechos indicam a disposição de manter a correspondência.

A carta enviada por Berta Ribeiro do Rio de Janeiro, em 11 de maio de 1982, retoma a carta de Ángel Rama com um exórdio a respeito do trabalho de Marta Traba: “Quando li o livrinho de Marta, senti o reencontro” (RIBEIRO, 2015b, p. 184). A apresentação da carta encena a reciprocidade do interesse pelo trabalho dos amigos e a aceitação das indicações de leituras. É inscrita, no corpo do discurso epistolar, a máscara de destinatário mais adequada a promover a manutenção do diálogo epistolar entre os missivistas. Além de se mostrar satisfeita com os comentários do crítico uruguaio a respeito de *Antes o mundo não existia*, Berta Ribeiro confessa que já o havia enviado a Reichel-Dolmatoff, sem despertar-lhe o interesse, pois o antropólogo não a respondeu. Ela aponta, na carta, as diferenças entre o seu trabalho, que já contava com o livro pronto, e o do antropólogo, elaborado a partir do depoimento do informante sem lhe dar autoria. Ao levantar hipóteses para o desinteresse de Reichel-Dolmatoff, Berta Ribeiro trata, explicitamente, da importância de se propiciar a visão dos próprios indígenas a respeito dos seus mitos ao considerá-los autores da versão escrita, evitando interferências da interpretação de antropólogos, o que seria, na sua percepção, uma vantagem de *Antes o mundo não existia* frente ao trabalho de Reichel-Dolmatoff, pois, “em *Desâna*: simbolismo de los Tukâno del Uaupés, não se sabe até onde vão os dados empíricos ou se são interpretação do autor” (RIBEIRO, 2015b, p. 184).

A publicação de *Transculturação narrativa na América Latina* no México constitui a tópica principal das últimas cartas de Berta Ribeiro e Ángel Rama. O acervo de Berta é suprido por nova contribuição do crítico literário, que lhe envia a tradução de seu ensaio baseado também nos trabalhos da antropóloga. Em carta de Paris, em 22 de maio de 1983, Rama (2015b, p. 186) faz referência tanto à dedicatória a Darcy

Ribeiro, quanto ao fato da argumentação no ensaio utilizar a pesquisa de Berta Ribeiro como exemplo. Além disso, o crítico agradece o envio do livro *O índio na história do Brasil*, de Berta Ribeiro, que, segundo ele, integraria sua “pequena seção de *reference books*” (RAMA, 2015b, p. 186). A carta é finalizada com o pedido de manter a troca de bibliografia sob a justificativa de se sentir mais isolado na França, país que o abrigou após ter a renovação de seu visto de permanência negado nos Estados Unidos durante o governo Ronald Reagan: “Vou ficar muito grato se você me enviar tudo o que fizer e inclusive outras coisas que você acredite que podem me interessar: aqui estou ainda mais distante da América Latina que em Washington” (RAMA, 2015b, p. 186). Essas informações indicam a necessidade de manter vínculos com intelectuais posicionados na América Latina, pois preservam laços afetivos em situações de isolamento, possibilitam trocas de materiais, além de facilitarem as mobilizações de intelectuais envolvidos no meio editorial e posicionados em diferentes regiões, direcionadas à publicação de obras latino-americanas. Em carta-resposta enviada do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1983, Berta Ribeiro (2015d, p. 188) mostra o interesse em ler *Transculturação narrativa na América Latina* e a sua satisfação com os comentários do crítico.

Cartas manuscritas ou datiloscritas contêm rastros de uma atividade intelectual com visões de mundo próximas no que diz respeito ao tratamento dado à cultura indígena, sua língua, narrativas e costumes. Parte integrante do biografema de Ángel Rama, a operação de argumentar se efetiva também pelas contribuições de outros intelectuais, a exemplo de Berta Ribeiro, que formam a sua biblioteca ou acervo pessoal, reconhecidas no corpo do ensaio *Transculturação narrativa na América Latina*. No confronto do ensaio de Ángel Rama às correspondências de Antonio Candido e dos Ribeiro, constata-se que os intelectuais colaboram para a montagem de seus projetos individuais e coletivos ao alimentarem os arquivos pessoais uns dos outros. As dificuldades de transpor espaços no contexto moderno e de, conseqüentemente, adquirir livros e trabalhar em grupos com sujeitos de nacionalidades diversas são reduzidas pelas mediações da correspondência.

### 3 O museu indígena

Em “Arte índia”, Darcy Ribeiro (1986, p. 29-64) mostra como o saber técnico indígena é passado, de geração a geração, pela repetição dos procedimentos de produção de objetos do cotidiano. Seu estudo confronta os critérios de arte dos especialistas na seleção de objetos que compõem as coleções e os museus à estranheza dos indígenas quanto ao ato de colecionar objetos com fins museológicos. Ainda que reconheça o valor dessa estranheza, Darcy Ribeiro define gêneros artísticos indígenas, como as artes líticas (utensílios de cortar), de trançados e tecidos, cerâmica, música e literaturas orais. Berta Ribeiro (1986, p. 11-27) também associa cultura indígena e matéria em “A linguagem simbólica da cultura material”. A antropóloga relaciona a cultura simbólica material apresentada nos adornos corporais ao antropomorfismo, ou seja, as coisas (o artesanato indígena), os animais e a vegetação seriam, antes de tudo, humanizados na cultura e linguagem indígenas. A mitologia desana retoma esses objetos em narrativas que explicam a origem do mundo.

A apresentação do livro *Antes o mundo não existia* contém o mapa do Rio Negro no qual se distribuem populações indígenas em território brasileiro, na Venezuela e na Colômbia. O mito “Origem do mundo e da humanidade” se inicia com uma figura feminina: “No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Quando não havia nada, brotou uma mulher por si mesma” (KUMU; KENHÍRI, 1980, p. 51). Seu nome é Yebá Bêló: a primeira palavra significa terra ou país, e a segunda, “avó”. Nesse mito de criação do mundo, mesmo sem luz, a Avó do Mundo cria “coisas misteriosas”: os enfeites de pena, o banco ritual de quartzo branco, a forquilha de segurar o cigarro, a cuia de *ipadu*, a cuia de farinha de tapioca e seu suporte. Yebá Bêló pensa sobre o futuro mundo e os novos seres. Na sua morada de Quartzo Branco, a Avó do Mundo comeu *ipadu*, fumou o cigarro e começou a pensar como deveria ser o mundo. O mito lhe dá a tarefa de “pensar” por imagens a criação, pois, do seu pensamento a respeito do mundo, surgem simultaneamente uma esfera e uma torre. Essas formas compõem a maloca do universo. Além de criar os avôs do mundo ou trovões, deu-lhes quartos na maloca. Tornou o Terceiro Trovão o guardião dos adornos rituais descritos como “coisas mágicas” que se transformariam na futura humanidade. Deu aos trovões a tarefa de criar a luz, os rios e a humanidade, sem êxito. Eles

fizeram os rios e, em seguida, consumiram *gahpi* (bebida alucinógena), o que os impossibilitou a realização de qualquer tarefa.

Insatisfeita, criou seu bisneto, um novo ser misterioso sem corpo, cujo nome era Yebá Ngoamã, o Demiurgo da Terra ou do Mundo. A tradição católica se aproxima desse feito, pois a Avó do Mundo repassa o ato de criar ao demiurgo que toma uma função destinada ao criador no cristianismo. Para ajudar o bisneto nesta tarefa, a Avó do Mundo enfeitou um bastão com ornamentos masculinos e femininos, cuja ponta tomou o rosto humano de Abe, o sol, um dos heróis da mitologia desâna. Após criar as camadas de terra, o demiurgo encontrou-se, na maloca do universo, com seu Avô que lhe daria os enfeites de penas seguindo a valorização dos objetos característica da cultura material e do antropomorfismo indígenas. Os ornamentos, definidos na cosmogonia como “riquezas” e, dentro da maloca, comparados a objetos de museu, são transformados pelo demiurgo na humanidade. Nesse âmbito, a maloca é a domiciliação onde o Avô do Mundo atua como “arconte” ou guarda dos objetos. Seguindo assim a visão de antropomorfismo indígena, na qual o sentido de humanidade estaria presente em coisas e outros elementos da natureza, o demiurgo cria seu povo a partir desses ornamentos que fazem parte da maloca museu. Entretanto, cria também o padre e o homem branco, sendo que este “deve ser uma pessoa sem medo” para “tirar a riqueza dos outros”.

O mito de criação inverte o processo de descoberta da colônia pela metrópole, pois o demiurgo cria o padre e o homem branco, sabendo, contudo, da violência contida nesses sujeitos. Há presença da transculturação, já que o contato com a cultura externa a transforma a partir da plasticidade e a inventividade do mito. A narrativa rompe a linearidade histórica imposta pelo saber do colonizador ao assimilá-lo na criação indígena. O livro apresenta um mapa, facilmente associado ao conceito de região mais extenso de Ángel Rama, tendo em vista a ocupação indígena na América Latina, e os desenhos de Luiz Lana que ilustram o pensamento por imagens da Avó do Mundo. Da mesma forma, o conflito de culturas se apresenta expresso nas criações do padre e do homem branco, representantes das tentativas de aculturação indígenas cujos objetivos foram revelados pelo demiurgo: oferecer ensinamentos, mas “catequizar”, para o primeiro, e, além de “matar”, roubar riquezas, para o segundo.

É, portanto, perceptível o forte atrativo da mitologia desâna para Ángel Rama, embora não detalhe quais os aspectos de estilo lhe interessam de tal forma a fazê-lo citar brevemente o livro indígena entre seus exemplos de textos aplicáveis ao conceito de transculturação narrativa. Se o diálogo com Antonio Candido permite a Rama estabelecer estratégias de expansão da literatura brasileira na América Latina movidas pelo projeto editorial Biblioteca Ayacucho, sua correspondência com Darcy e Berta Ribeiro permite rediscutir os limites da própria literatura nacional já no contexto histórico das correspondências. Ángel Rama e seus interlocutores propõem uma concepção de literatura nacional mais ampla, pois reconhecem a existência de variações ao idioma canônico como as oferecidas pelas línguas indígenas presentes no território brasileiro. As ações do intelectual uruguaio em benefício da divulgação da literatura brasileira rastreadas na sua correspondência com Berta Ribeiro consideram também a necessidade de associar, no corpus do ensaio *Transculturação narrativa na América Latina*, a literatura indígena.

## Referências

- ARGUEDAS, J. M. *Los ríos profundos*. Madrid: Catedra, 1995.
- BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- CANDIDO, A. São Paulo, 16 de outubro de 1973. In: ROCCA, P. (ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama, esboço de um projeto latino-americano (1960-1983)*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: EDUSP, 2018a. p. 73-75.
- CANDIDO, A. São Paulo, 8 de outubro de 1974. In: ROCCA, P. (ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama, esboço de um projeto latino-americano (1960-1983)*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: EDUSP, 2018b. p. 90-95.
- COELHO, H. R. A vida em movimento: a correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. In: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P.

(org.). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Global, 2015. p. 19-39.

COELHO, H. R. O Brasil na “Biblioteca Ayacucho”: vertente literária e cultural. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 85-103, 2009.

COUTINHO, E. Remapeando a América Latina: para uma nova cartografia literária no continente. In: BITTENCOURT, G. N. *et al. Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 139-146.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HAROUCHE-BOUZINAC, G. *Escritas epistolares*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

KUMU, U. P.; KENHÍRI, T. *Antes o mundo não existia: a mitologia heróica dos Desâna*. São Paulo: Cultura, 1980.

MARQUES, R. Arquivos literários e a reinvenção da Literatura Comparada. In: MARQUES, R. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 18-28.

MELLO, M. V. de. *Desenvolvimento e cultura: o problema do esteticismo no Brasil*. São Paulo: 1963.

ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: Pensamento Cubano, 1983.

PÃRÕKUMU, U.; KĚHÍRI, T. *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos desana-kêhíripõrã*. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 1).

RAMA, Á. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015a.

RAMA, Á. Caracas, 17 de setembro de 1974. In: ROCCA, P. (ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama, esboço de um projeto latino-americano (1960-1983)*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: EDUSP, 2018a. p. 87-89.

RAMA, Á. Caracas, 30 de outubro de 1973. In: ROCCA, P. (ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama, esboço de um projeto latino-americano (1960-1983)*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: EDUSP, 2018b. p. 76-78.

RAMA, Á. Caracas, 7 de outubro de 1973. In: ROCCA, P. (ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama, esboço de um projeto latino-americano (1960-1983)*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: EDUSP, 2018c. p. 72.

RAMA, Á. Caracas, 8 de novembro de 1973. In: ROCCA, P. (ed.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama, esboço de um projeto latino-americano (1960-1983)*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: EDUSP, 2018d. p. 79-80.

RAMA, Á. Paris, 22 de maio de 1983. In: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Global, 2015b. p. 186.

RAMA, Á. *Transculturación narrativa en la América Latina*. 2. ed. Buenos Aires: El Andariego, 2008.

RAMA, Á. Washington, 1º de maio de 1982. In: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Global, 2015c. p. 180-181.

REICHEL-DOLMATOFF, G. *Desâna: simbolismo de los indios Tukâno del Uaupés*. Bogotá: Universidade de los Andes, 1968.

RIBEIRO, B. G. A linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, D. (org.) et al. *Suma etnológica brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, FINEP, 1986. p. 11-27.

RIBEIRO, B. G. Os índios das águas pretas. In: KUMU, Umúsin Panlõn; KENHÍRI, Tolamãñ. *Antes o mundo não existia: a mitologia heróica dos Desâna*. São Paulo: Cultura, 1980. p. 9-48.

RIBEIRO, B. G. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1977. In: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Global, 2015a. p. 176.



RIBEIRO, B. G. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1982. *In*: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos*: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. São Paulo: Global, 2015b. p. 184-185.

RIBEIRO, B. G. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1977. *In*: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos*: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. São Paulo: Global, 2015c. p. 174-175.

RIBEIRO, B. G. Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1983. *In*: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos*: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. São Paulo: Global, 2015d. p. 188.

RIBEIRO, D. Arte índia. *In*: RIBEIRO, D. (org.) *et al.* *Suma etnológica brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, FINEP, 1986. p. 29-64.

RIBEIRO, D. Rio de Janeiro, 7 de julho de 1976. *In*: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos*: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. São Paulo: Global, 2015. p. 74-75.

ROCCA, P. Ser (ou tornar-se) latino-americano: sobre o diálogo entre Darcy Ribeiro e Ángel Rama. *In*: COELHO, H. R. (org.); ROCCA, P. (org.). *Diálogos latino-americanos*: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro. São Paulo: Global, 2015. p. 40-55.

Recebido em: 29 de abril de 2019.

Aprovado em: 11 de setembro de 2019.